

LETRAMENTO LITERÁRIO: ENSINO E APRENDIZAGEM DE LEITURA COMO PRÁTICA SOCIAL

Renata Toigo

Doutoranda em Letras - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –
(PUCRS)

Porto Alegre, RS, Brasil

renata.toigo@acad.pucrs.br

Resumo: *O presente texto, tendo como base a convicção de que o letramento literário é uma prática social, pretende destacar estratégias importantes para o ensino e a aprendizagem da leitura da literatura. Para ler é necessária a participação perspicaz do leitor na construção dos sentidos dos signos linguísticos, estabelecendo relações entre seu conhecimento prévio, sua memória da experiência, com o texto em si e com o contexto em que está inserido. A leitura da literatura é uma prática que precisa de aprendizagens. Para tanto, é imprescindível a participação de mediadores que aproximem o texto do leitor, a fim de formar leitores capazes de lê-lo, compreendê-lo e interpretá-lo. Para nos ajudar a entender as estratégias de letramento literário, a formação e a mediação leitora, tomamos como referência Cosson (2011, 2017), Larrosa (1996), Petit (2008), Aguiar e Bordini (1993), entre outros estudiosos relacionados.*

Palavras-chave: *Letramento Literário; Leitura; Prática Social.*

Abstract: *This text, based on the conviction that literary literacy is a social practice, aims to highlight important strategies for teaching and learning to read literature. In order to read, the reader must have an insightful participation in the construction of the meanings of linguistic signs, establishing relationships between their prior knowledge, their memory of experience, with the text itself and with the context in which it is inserted. Literature reading is a practice that needs learning. Therefore, the participation of mediators that bring the text closer to the reader is essential, in order to form readers capable of reading, understanding and interpreting it. To help us understand literary literacy strategies, training and reading mediation, we take Cosson (2011, 2017), Larrosa (1996), Petit (2008), Aguiar and Bordini (1993) as a reference, among other related scholars.*

Keywords: *Literary Literacy; Reading; Social Practise.*

Considerações Iniciais

O livro, a leitura e a literatura são elementos importantes para a formação do pensamento crítico, pois figuram entre as principais ferramentas que postulam para a emancipação intelectual dos cidadãos, junto com expressões artísticas como a pintura, o cinema, a fotografia, a música, entre outras. O letramento traz condições para um sujeito interpretar, questionar e (re)inventar sua realidade.

Magda Soares (2014) observa que, letramento é o desenvolvimento de habilidades de uso da leitura e escrita e, implícito no conceito de letramento, está a ideia

de que ler e escrever “traz conseqüências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer para um grupo social em que seja introduzida, quer para o indivíduo que aprendeu a usá-la” (SOARES, 2014, p. 18). Observa ainda a diferença entre alfabetização e letramento:

um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e escrita. (SOARES, 2014, p. 40-41).

Por conseguinte, o letramento é a condição de uma prática social. Dessa forma, quando pensamos em letramento literário, entendemos que a leitura da literatura permite ampliar a capacidade de reflexão, provoca questionamentos e forma o pensamento crítico. Logo, pensar práticas de ensino e aprendizagem da leitura literária orienta-nos percorrer algumas concepções sobre a leitura da literatura como prática social, assim como experiência do literário.

A leitura como prática social

O ser humano vive em comunidade, nela se identifica como sujeito e se transforma através de cada contato com o outro e com o mundo. Para Freire (1989, p. 9), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”. Ou seja, a leitura da palavra não pode prescindir sem a leitura de mundo, uma vez que a linguagem e a realidade estão imbricadas. Para que o leitor alcance uma leitura crítica, implica a percepção das relações entre texto e contexto. Dessa forma, para Freire

ler não é caminhar sobre as letras, mas interpretar o mundo e poder lançar sua palavra sobre ele, interferir no mundo pela ação. Ler é tomar consciência. A leitura é antes de tudo uma interpretação do mundo em que se vive. Mas não só ler. É também representá-lo pela linguagem escrita. Falar sobre ele, interpretá-lo, escrevê-lo. Ler e escrever, dentro desta perspectiva, é também libertar-se. Leitura e escrita como prática de liberdade. Dessa forma, Freire reforça que aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. (FREIRE, 1989, p. 9).

Ou seja, é no contato com o mundo que a aprendizagem da leitura se efetiva, mas também é “através da linguagem que o homem se reconhece como corpo humano, pois pode se comunicar com os outros homens e trocar experiências” (AGUIAR, BORDINI, 1993, p. 9). Para as autoras, é a partir das relações sociais que nascem as linguagens, embora os grupos não sejam homogêneos, geram possibilidades de

intercâmbio com outros coletivos, através das trocas linguísticas, transformando-se individual e coletivamente.

Entre as formas de comunicação e expressão, a linguagem verbal é a mais utilizada pelo homem. Figura ser difícil conceber um conjunto de objetos ou imagens em que seus significados possam ocorrer fora da linguagem, segundo Barthes (1979, p. 12) “perceber o que significa uma substância é, fatalmente, recorrer ao recorte da língua: sentido só existe quando denominado, e o mundo dos significados não é outro senão o da linguagem.”

No momento em que temos o registro da linguagem verbal em linguagem escrita, surge o livro como forma de documento que garante a memória coletiva. Para Aguiar e Bordini (1993), o leitor, ao interpretar o texto literário, estabelece elos com as manifestações sociais e culturais distantes no tempo e espaço. O acesso aos diferentes tipos de texto proporciona ao leitor constituir vínculos entre ele e outros sujeitos sociais. “A socialização do indivíduo se faz, para além dos contatos pessoais, também através da leitura.” (AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 10). Ao se defrontar com produções de outros indivíduos, através do código escrito ou simbólico, o diálogo se estabelece e, o leitor vai se constituindo como sujeito. As estudiosas destacam que uma das necessidades básicas do ser humano é dar sentido ao mundo, de forma que, os livros são veículos fundamentais para que aconteça o diálogo.

O estudioso argentino Alberto Manguel (1997) corrobora a tese de Freire que a leitura de mundo vem antes da leitura da palavra, e chama a atenção para o fato de que a leitura não está restrita às letras alfabéticas impressas no papel. Ler é traduzir: o tecelão lê o desenho em um tapete; o músico lê as partituras para executar o canto; o médico lê determinada doença a partir da descrição dos sintomas do paciente; o agricultor lê nuances do céu para prevenir-se das andanças do tempo; o zoólogo lê as pegadas dos animais na floresta; o astrônomo lê os rastros de muitas estrelas que não existem mais, a mãe lê no rosto de seu filho sinais de alegria ou tristeza, ou seja, todos esses gestos são diversificadas maneiras de ler, “todos eles compartilham com os leitores de livros a arte de decifrar e traduzir signos.” (MANGUEL, 1997, p. 19). Em cada caso, é o leitor que decifra o sentido, é o leitor que confere à leitura a legibilidade possível, é ele que atribui significado a diferentes tipos de signos e símbolos. O autor destaca que lemos para compreender. Dessa maneira, ler é uma função essencial, assim como as necessidades biológicas, como respirar e alimentar-se.

Para pensar o universo da literatura e sua conexão com o leitor, é importante observar que o campo da leitura da literatura se expandiu de maneira que temos muitas ramificações como a história da leitura, a sociologia da leitura, a antropologia da leitura, a sociologia da leitura, a psicologia da leitura, além de todas as outras áreas que usualmente se ocupam do tema, como a linguística, a pedagogia e a teoria da literatura.

Segundo Iser (1999), um texto é apenas um texto sem o leitor, pois é a capacidade individual do leitor que instrumenta, transforma e faz com que uma obra permaneça viva. As regras da leitura estão no texto, mas é o leitor que vai dar sentido ao que leu de acordo com seu conhecimento de mundo. A obra literária mostra em seus vazios internos a possibilidade de diversas interpretações, uma vez que as perspectivas do texto se movimentam entre o autor, o narrador e o leitor em diferentes momentos da leitura. “Quanto maior o número de espaços vazios, tanto maior a afluência das representações.” (ISER, 1999, p. 130). Essas lacunas, no texto literário, representam um papel importante para a formação das representações. É papel do leitor desconstituí-las, criar novas, substituir por outras e assim (re)construir sentidos.

A antropóloga e bibliotecária francesa Michèle Petit, (2008) ao analisar a recepção das obras literárias junto aos jovens leitores nas periferias da França, afirma que não temos como assegurar que um texto domina o leitor: “na realidade, os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção.” (PETIT, 2008, p. 26). Salienta, ainda, que não temos como fazer o controle de como um texto será lido, compreendido e interpretado, uma vez que o leitor não é um sujeito passivo, ele produz, escreve e recria juntamente com o escritor. O leitor, além de alterar o sentido e fazer o que bem entende, “ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo.” (PETIT, 2008, p. 29). A estudiosa, em suas pesquisas em espaços culturais de leitura, como as bibliotecas populares, traz em sua obra diversos relatos de jovens transformados pela leitura literária, a partir dessas experiências, ela acredita que ler permite decifrar a própria existência.

Ler também é um processo cumulativo, uma vez que a cada nova leitura, respalda-se no que o leitor leu anteriormente. É necessário entender que, para ler um texto, temos que construir um significado para ele. Ler “não é um processo automático de capturar um texto como um papel fotossensível captura a luz, mas um processo de reconstrução desconcertante, labiríntico, comum e, contudo, pessoal.” (MANGUEL, 1997, p. 54). Cabe ao leitor construir sentidos a partir do que sugere a linguagem do texto, arquitetando significados a partir de seu conhecimento de mundo e seu horizonte de expectativas. Um texto nunca é totalmente fechado, ele é inacabado, e por ser inacabado é que permite que o leitor tenha espaço para interpretações, ou seja, permite ao leitor ler nas entrelinhas. Para o estudioso, a leitura também é uma metáfora:

Dizer que lemos – o mundo, um livro, o corpo – não basta. A metáfora da leitura solicita por sua vez outra metáfora, exige ser explicada em imagens que estão fora da biblioteca do leitor e, contudo, dentro do corpo dele, de tal forma que a função de ler é associada a outras funções corporais essenciais.(...) Tal como escritores falam em cozinhar uma história, misturar os ingredientes do enredo, ter ideias cruas para a trama, apimentar uma cena, acrescentar pitadas de ironia (...), nós, os leitores, falamos em saborear um livro, encontrar um alimento nele, devorá-lo de uma sentada, ruminar um texto, banquetearmo-nos com poesia, mastigar as palavras do poeta, viver uma dieta de romances policiais. (MANGUEL, 1997, p. 198).

O leitor e o texto se entrelaçam criando novos significados, a cada leitura nova, ampliando o repertório e horizontes de expectativas. Dessa forma, “somos o que lemos” (MANGUEL, 1997, p. 201). Nos seus estudos, Manguel destaca que “desde os primórdios, a leitura é a apoteose da escrita”, pois por volta do final do quarto milênio a. C., a escrita surgiu na Mesopotâmia por motivos comerciais, a fim de registrar que determinado número de cabeças de gado pertencia a determinada família. Mas, escrever não foi o único invento que surgiu naquela ocasião, outra criação nasceu junto, o leitor, uma vez que o ato de escrever era para que o texto fosse resgatado: “Ao mesmo tempo em que o primeiro escritor concebia uma nova arte ao fazer marcas num pedaço de argila, aparecia tacitamente uma outra arte sem a qual as marcas não teriam nenhum sentido” (MANGUEL, 1997, p. 207), ou seja, a leitura.

Sabemos que para ler um texto verbal e escrito não basta conhecer os fonemas, palavras, ou compreender as regras gramaticais. Para isso, é necessária a participação perspicaz do leitor na construção dos sentidos desses signos linguísticos, ou seja, temos o processo de letramento, conforme já evidenciado, a partir de Soares (2014). Ainda que tenhamos um dicionário para a pesquisa dos significados das palavras, quando essas compõem um texto, o leitor tem o ofício de escolher a significação mais adequada para aquele contexto e isso tem a ver com a leitura de mundo evidenciada anteriormente, a partir dos estudos freireanos.

Letramento literário como experiência

Todos os livros proporcionam a descoberta dos sentidos, mas, segundo Aguiar e Bordini (1993, p. 13) “são os literários que o fazem de modo mais abrangente.” Os textos informativos dão conta de fatos particulares e os literários dão conta da totalidade do real, uma vez que “a linguagem literária extrai dos processos histórico-político-sociais nela representados uma visão típica da existência humana.” (AGUIAR; BORDINI, 1993, p. 14). As histórias literárias criam suas próprias regras de comunicação, permitindo que se estabeleça um pacto entre autor e leitor e o contexto se torna indispensável.

As autoras salientam que, ao ler um texto, o leitor entra no jogo da personagem, vivendo imaginativamente com ela e, assim, aceita a realidade criada como uma possível para si. Dessa maneira, pode-se dizer que, o texto literário é plurissignificativo, permitindo diferentes leituras, justamente por seu aspecto aberto. Na literatura, o leitor encontra “o que não pode ou não sabe experimentar na realidade. É por essa característica que tem sido acusada, ao longo dos tempos, de alienante, escapista e corruptora.” (AGUIAR; BORDINI, 1993, p.15).

A ficção abre “as portas para um outro espaço, para uma outra maneira de pertencer ao mundo. Os escritores nos presenteiam com uma geografia, uma história, uma paisagem onde retomamos o fôlego.” (PETIT, 2008, p. 79). A leitura permite ainda, pensar outras possibilidades, um outro espaço-tempo, um tempo para si mesmos, tempo para o ócio. A leitura da literatura instaura um tempo diferente daquele frenesim ditado pela velocidade dos tempos de hoje, ao ritmo acelerado das tecnologias digitais. Quando lemos, dispomos de nosso próprio espaço-tempo.

Corroborando a proposição de Aguiar e Bordini, ao abordar a perspectiva dos livros de literatura, Manguel (2006) ressalta:

Os livros podem não alterar nosso sofrimento, os livros podem não nos proteger do mal, os livros podem não nos dizer o que é bom e o que é belo, e certamente não terão como nos livrar do destino comum – a tumba. Mas os livros nos abrem miríades de possibilidades: de mudança, de iluminação. Pode bem ser que nenhum livro, por mais bem escrito que seja, consiga remover um grama de dor da tragédia do Iraque ou de Ruanda, mas pode bem ser que não haja livro, por mais mal escrito que seja, que não contenha alguma epifania para algum leitor. (MANGUEL, 2006, p. 192-193).

A partir do que o autor frisa, podemos perceber que a literatura cumpre uma função social ao mesmo tempo em que abarca funções paradoxais para a formação humana. Podemos destacar algumas funções literárias, de acordo com Gonçalves (2014): a primeira é psicológica, pois através da literatura, o ser humano pode sistematizar uma de suas necessidades básicas: ficcionalizar; a segunda é pedagógica, por seu caráter formativo e educativo, função essa, norteou por um longo tempo a literatura infantil; a terceira é filosófica, uma vez que traz em si o conhecimento do ser e do mundo, desvendando a si a sociedade. O leitor constrói significados para o texto e cria relações entre seu conhecimento prévio, sua memória da experiência e o texto em si e com o contexto em que está inserido. O processo de ler, tal como o de pensar, envolve nossa capacidade de decifrar e fazer o uso da linguagem.

Segundo Larrosa (1996, p. 133), “pensar a leitura como formação implica pensá-la como uma atividade que tem a ver com a subjetividade do leitor: não só com o que o leitor sabe, mas, também, com aquilo que ele é.” Ou seja, devemos pensar a leitura não restrita ao prazer e conhecimento, mas como algo que nos forma e nos transforma, e nos faz ser aquilo que somos. Uma trajetória em que diversos sentidos se entrecruzam, permitindo ao leitor tomar posicionamentos, opiniões, permitindo ao leitor a identificação com uma personagem ou situação narrada.

O estudioso supracitado enfatiza que para a leitura resolver-se em formação é fundamental uma relação entre texto e a subjetividade, ou seja, pensar esta relação como uma experiência. Logo, pensar a leitura como formação “supõe cancelar essa fronteira sobre o que sabemos e o que somos, entre o que “passa” (o que podemos conhecer) e o que “nos passa” (como algo a que devemos atribuir um sentido em relação a nós mesmos).” (LARROSA, 2007, p. 136-137). Dessa maneira, podemos dizer que a experiência se refere ao saber adquirido e que vai nos conformar no que somos. Dois indivíduos, ainda que passem pela mesma leitura, não sofrem a mesma experiência, uma vez que para experimentar uma leitura, o leitor carrega consigo uma bagagem, que é diferente da do outro.

À vista disso, podemos pensar a experiência como uma forma singular. Mesmo quando confluem o texto adequado, o momento adequado e a sensibilidade adequada, ainda assim, a mesma atividade pode ser experiência para alguns e para outros não. “Perceber o sentido oculto ou manifesto de um texto seria, então, perceber essas coisas, essas ideias, esses sujeitos, esses contextos ou esses valores a partir do texto” (LARROSA, 1996, p. 151).

A noção de leitura como experiência, esclarecida por Larrosa, pode ser complementada pela teoria do letramento literário, aqui utilizada a partir de Cosson (2011). Este estabelece três estágios da leitura que devem ser pensadas de forma linear: antecipação, decifração e interpretação. A antecipação consiste nas operações que o leitor vai realizar antes de adentrar no texto em si, sendo os objetivos de leitura em si e os elementos que compõem a materialidade do texto, como o título, a capa, quantidade de páginas, ilustrações, entre outros. A segunda etapa, a decifração, é a leitura das palavras em si. Muitas vezes, um leitor maduro decifra o texto com uma fluidez natural que nem percebe palavras escritas de modo errado e não se detém em palavras que não conhece o significado, pois o mesmo será recuperado no contexto. A interpretação, terceira etapa, é a relação estabelecida pelo leitor ao processar o texto, ou seja, depende do que escreveu o escritor, do que leu o leitor e das convenções que regulam a leitura em um determinado espaço social, ou seja, “interpretar é dialogar com o texto tendo

como limite o contexto.” (COSSON, 2011, p. 41). Essas três etapas de leitura guiam a proposta de letramento literário levantadas pelo autor.

Cosson (2017) enfatiza que as práticas dos projetos de leitura precisam contemplar o processo de letramento literário, e não apenas a mera leitura das obras, pois:

ler é um processo que, qualquer que seja o ponto de partida teórico, passa necessariamente pelo leitor, autor, texto e contexto. Sem um deles, o circuito não se completa e o processo resulta falho. O diálogo da leitura implica ouvir o autor para entender o texto, construir o sentido do texto porque se compartilha os sentidos de uma sociedade; ou construir o sentido do texto ouvindo o autor e compartilhando os sentidos de uma sociedade no entendimento do texto. (COSSON, 2017, p. 41).

Dessa forma, o leitor, o autor, o texto e o contexto devem ser igualmente reconhecidos como partes do processo de construção de sentido. Conceber a leitura a partir de questionamentos podem nortear esse processo interpretativo, pois “se a leitura é um diálogo, todo diálogo começa essencialmente com uma pergunta” (COSSON, 2017, p. 41). As respostas nos levam a outras interrogações, e outras respostas a outras investigações até que o processo interpretativo seja satisfatório.

Lendo desenvolvemos nossa capacidade de leitura, mas segundo Cosson (2017), lendo de maneira formativa. O autor explica que lemos formativamente quando: lemos a diversidade de textos; lemos de diferentes modos, pois cada tipo de texto exige um tipo de leitura; lemos para interpretar o texto que nos desafia; avaliamos o que lemos; lemos para aprender a ler, o que requer habilidades de decodificação e reflexão da escrita. Essas são as características da aprendizagem da leitura sintetizadas pelo autor.

Para Cosson (2017), é na literatura que a aprendizagem da leitura encontra um campo ideal, pois é pelo viés literário que temos acesso a uma diversidade de gêneros, formas e pluralidade de temas. A leitura literária orienta para indagações sobre quem somos, como queremos viver, trazendo a possibilidade de avaliação dos valores impostos socialmente, desafiando os discursos já prontos como verdades únicas e imutáveis. A literatura nos oferece a liberdade de modo que nenhuma outra maneira de ler oferece.

Destacamos que o ato de ler, segundo Cosson (2017), é mediado por três objetos de leitura literária: texto, contexto e intertexto. O texto, entendido como a unidade central, em se tratando da literatura infantil, associa texto escrito ao texto visual, a ilustração. O contexto, entendido como espaço no qual a unidade está inserida, abrange áreas diversas como a história, a psicologia, a psicanálise, a filosofia, a linguística, a antropologia, entre outras. O intertexto vai além do texto, aproxima diferentes textos e mostra como eles se relacionam entre si. Ou seja, o ato de ler constitui-se “em um processo envolvendo autor, leitor, texto e contexto em uma relação de diálogo que tem como objetos o texto, o contexto e o intertexto.” (COSSON, 2017, p. 63).

Por conseguinte, é do diálogo, entre elementos e objetos, que surgem as diferentes maneiras da leitura literária. Esses diversos modos de ler nos demonstram que a leitura literária não tem apenas uma trilha a ser seguida e, o diálogo da leitura pode ser

iniciado de diversas maneiras, bem como pode ser realizado através de diferentes atividades.

Ao leitor, não cabe a posição de sujeito passivo, ele reelabora internamente sua própria experiência ao atravessar florestas sinistras, ao lutar contra lobos malvados, ao caminhar entre mundos. A literatura requer um leitor audaz, que saiba ler nas entrelinhas do texto, que se aventure em busca de descobertas desconcertantes, abrindo espaço para a construção e desconstrução de sentidos, buscando sua afirmação e autonomia no mundo. No processo da leitura, o leitor vive a história da personagem, sente na própria pele os desafios, briga e luta com ela. E, ao finalizar um texto literário, o leitor pode identificar-se com uma personagem e ela, pode representá-lo. Nessas relações estabelecidas, a construção de sentidos se amplia, uma vez que o elo constituído com o texto é mais importante que o próprio texto.

A mediação pode também ser um instrumento provocador para que os leitores possam construir suas próprias interpretações sobre determinado texto. Segundo Yunes (2003), quando o leitor se deixa tocar pelo texto, primeiramente se dá uma desconstrução, por reposicionar velhos esquemas ao pensar e compreender as coisas, depois acontece uma constituição e “a leitura torna-se experiência da gratuidade do verbo que opera de modo contínuo e não consciente no fortalecimento da subjetividade e da ação crítica.” (YUNES, 2003, p. 15). No momento da interpretação, aquele momento de escuta e compartilhamento, é possível para o leitor perceber que a leitura de um mesmo texto dá-se de forma diferente para cada leitor. É durante a enunciação da interpretação, ao considerarmos o pensamento do outro, que estamos a ampliar nossa rede de significação. Muitas vezes, é durante a enunciação de outros leitores que conseguimos completar aquelas lacunas que permaneceram abertas e que não fomos capazes de preencher sozinhos.

Tornamo-nos leitores, não através de uma única prática de leitura, mas através do contato com as mais diferentes formas de ler. Cosson (2017) distingue algumas práticas de leitura, divididas em eixos¹: o silêncio, a voz, a memória, a interação (participação, comentário e a análise do texto), desenvolvidas a seguir.

O estudioso destaca duas esferas para o silêncio: a leitura silenciosa e a leitura meditativa. Na leitura silenciosa, o momento é de leitura livre, quando os alunos lêem o que desejam, sem nenhuma cobrança ou recompensa, além do prazer de ler, com a argumentação de que se aprende a ler lendo, com o direito de escolher e também de abandonar a leitura no meio do caminho se não interessa. Na leitura meditativa, o objetivo não é procurar sentidos no texto, mas sentidos para inspirar alguma reflexão, conhecer a si mesmo, através do texto.

A leitura em voz alta é uma forma de sociabilidade, pois quando lemos para alguém compartilhamos os prazeres da leitura a fim de conquistar o outro. O autor distingue algumas categorias: leitura para crianças antes de dormir; a hora do conto nas escolas ou bibliotecas; a sacola de leitura e suas variantes. Essas categorias envolvem respectivamente o fortalecimento da leitura entre pais e filhos, construção cultural dos sentidos reforçando o sentimento de pertencimento e a participação da família no processo de leitura.

¹ Para entender melhor os eixos apontados pelo autor, aconselhamos a leitura integral do livro do autor, onde ele descreve melhor cada prática e traz exemplos. COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2017.

Através da memória guardamos textos significativos, conhecidos a partir da contação de histórias, dos coros falados, das dramatizações, entendidos como práticas de leitura e integram várias linguagens artísticas fundamentais para a formação leitora. A memória individual, construída ao longo da história do leitor, faz parte de um conjunto maior de referências que é a comunidade leitora.

A interação é uma prática de ler e discutir textos, dividida pelo estudioso em três partes: a participação, o comentário e a análise. Pelo envolvimento dessas ações acontece a construção dos sentidos do texto, ou seja, o letramento literário. A participação envolve diferentes maneiras de compartilhar leituras, antes, durante ou depois de ler o texto para a compreensão textual. O comentário consiste na apreciação da obra lida e pode ser feita através da reflexão crítica e da relação com outros textos conhecidos. A análise consiste em práticas de interação, exploração do texto, explicitação da construção de sentidos e interpretação que garantam o letramento literário. A análise pode ser através da discussão nos espaços de leitura², onde os leitores falam uns com os outros, expõem opiniões e escutam, uma interação entre leitores e mediadores³. Essa discussão precisa ser estruturada, com objetivos e modo de funcionalmente definidos, ser como um meio para chegar a um fim. A análise também pode acontecer através de seminário socrático, uma estratégia em que o mediador não oferece respostas aos leitores, mas promove reflexões e questionamentos para que eles busquem as respostas.

Todas essas práticas não são exclusivas da leitura literária. Cosson (2017) reitera que elas fazem parte do ato de ler nas mais diversas situações. Por conseguinte, devem estar presentes nos espaços de leitura, mas sozinhas não são suficientes para a promoção da leitura literária. Dessa forma, devem estar combinadas coerentemente para constituírem um programa de leitura, se tivermos o desejo de formar leitores literários.

Aguiar e Bordini (1993, p. 17) salientam que a instrução do ensino da literatura “não pode ser, em vista da polissemia que é própria do discurso literário, impositiva e meramente formal.” Pela multiplicidade de sentidos literários, o ensino não pode destacar apenas alguns desses sentidos como propósito a ser alcançado pelos alunos. As autoras reforçam ainda que antes é preciso vivenciar as obras literárias para que posteriormente se preencham as estruturas conceituais. A ênfase deve estar na significação cultural do texto, não em meras classificações e, para a escola produzir um ensino eficaz da leitura literária deverá cumprir certos requisitos:

Disponer de uma biblioteca bem aparelhada, na área da literatura, com bibliotecários que promovam o livro literário, professores leitores com boa fundamentação teórica e metodológica, programas de ensino que valorizem a literatura e, sobretudo,

² Usamos a denominação de espaço de leitura, visto que essa metodologia não precisa estar necessariamente aplicada aos projetos de leitura em salas de aula escolares, mas também aos espaços múltiplos que formam leitores, como as bibliotecas comunitárias e outros projetos que usam a literatura em suas práticas sociais.

³ Aqui designamos mediador de leitura, todos aqueles que mediam o caminho entre o texto e o leitor: educadores e professores, mas também pais, contadores de histórias, escritores, ilustradores, bibliotecários, entre outros. Compreendemos como mediador de leitura o sujeito que estimula os leitores, mobiliza os conhecimentos prévios, prepara o cenário para a presença do texto literário e para o percurso da leitura, assim como, auxilia na decifração e interpretação.

uma interação democrática e simétrica entre alunado e professor. (AGUIAR, BORDINI, 1993, p. 17).

Em vista disso, se os espaços de leitura não garantem esses requisitos, o objeto de leitura, principalmente o livro, passa por um processo de escuridão intencional. E as circunstâncias, que deveriam promover o acesso à leitura, tornam-se drásticas, fazendo com que a leitura do livro fique cada vez mais distante.

Aguiar e Bordini (1993) destacam que ao elaborarmos as práticas da leitura literária, quando relacionadas ao público infantil e juvenil, é importante levarmos em conta os interesses literários influenciados pela idade das crianças. A oferta de livros próximos à realidade do leitor, que proponham questões significativas, se faz importante para o desencadeamento do ato da leitura. Outro fator importante é atentar a escolha dos textos em relação à idade da criança, pois de acordo com cada faixa etária temos interesses por determinados tipos de brinquedos, jogos, filmes e não é diferente com os textos literários. Mesmo dentro de cada faixa etária os interesses se modificam de acordo com a formação e amadurecimento do sujeito. As autoras destacam que o sujeito, no ato de ler, busca a satisfação informativa ou recreativa, que é condicionada por diversos fatores: os leitores são diferentes, portanto, tem interesses diferentes⁴.

Essas reflexões evocam as diferentes práticas e o papel da literatura na formação de leitores. A literatura pode se configurar como elemento singular no processo de “nos tornar mais humanos e mais irmãos.” (MACHADO, 2011, p. 27). Mas para isso, é necessária a presença do mediador, uma figura inevitável e fundamental, alguém que apresente o indivíduo ao texto, que o aproxime desse, a fim de que a leitura aconteça como experiência do literário.

É preciso entender o letramento literário como um processo indireto de aprendizagem, pois o mediador promove uma relação entre o sujeito e o objeto, em se tratando de leitura, entre o leitor e o texto. A leitura da literatura é uma prática que necessita de aprendizagens. Para tanto, é necessária a participação de mediadores que aproximem o texto do leitor, a fim de formar leitores capazes de lê-lo, compreendê-lo e interpretá-lo, etapas abordadas anteriormente a partir da teoria de letramento literário de Cosson (2011). Dessa maneira, o mediador torna-se um promotor do conhecimento, e deve ter consciência de que a formação de leitores se dá pela prática e multiplicidade de textos e experiências. É importante salientar que os mediadores desse processo também tenham uma relação prazerosa com a literatura, pois para formar crianças e jovens leitores:

precisamos ter, nós adultos, uma relação especial com a leitura e a literatura: precisamos gostar de ler, ler com alegria, por diversão, brigando com o texto, discordando, desejando mudar o final da história, enfim, costurando cada leitura, como um retalho colorido, à grande colcha de retalhos – colorida, significativa – que é nossa história com a leitura. Se não for assim, como conseguiremos convencer nossas crianças a fazer algo que nós mesmos não julgamos importante? (KAERCHER, 2001, p. 83).

⁴ Para entender melhor os interesses dos leitores em cada faixa etária e os níveis de leitura, pode-se ler integralmente a obra: AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

Na mesma linha de pensamento de Kaercher, Petit (2008, p. 141) enfatiza que “o que atrai a atenção da criança é o interesse profundo que os adultos têm pelos livros, seu desejo real, seu prazer real.” Sem dúvidas, é papel do mediador de leitura criar seu percurso de leitor, lendo, estudando a obra literária, estudando teorias da leitura e da literatura, aprimorando sua maneira de mediar ou contar histórias. Para influenciar e formar leitores, o mediador deverá estabelecer, ele próprio, uma relação prazerosa com a leitura, pois “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pelas obras literárias, é necessário que se tenha experienciado esse amor.” (PETIT, 2008, p. 161).

Os estudos de Cosson (2011; 2017), realizados a partir de suas práticas, destacam para a atenção do mediador em não antecipar suas próprias leituras nem direcioná-las, devendo deixar para o leitor o papel de construção de sentidos do texto. Para isso, é preciso usar estratégias para as três etapas da leitura, descritas anteriormente: antecipação, decifração e interpretação. Ao dar espaço para o leitor, o mediador será um aliado na formação de leitores de senso crítico apurado. Ao valorizar a opinião dos leitores, compreendendo a multiplicidade de leituras, como condutoras das diversas possibilidades de interpretação, o mediador estará cumprindo seu papel, que não é ensinar, mas sim ser uma “ponte” entre o texto e o leitor.

Se o mediador “limita-se a mostrar o código, está convertendo o texto em uma coisa que se tem de analisar e não uma voz que se tem de escutar.” (LARROSA, 1996, p. 151). Da mesma forma, se o mediador antecipa o sentido essencial do texto, estará anulando a possibilidade de escuta. Dessa maneira, ele não pode e não deve impor uma ideia pronta do que é uma boa leitura, ou uma leitura correta, ou verdadeira. Isso não significa que o mediador não tenha sua própria experiência de leitura. Mas antecipar sua experiência é barrar a do outro, porque ensinar a ler não é

opor um saber contra outro saber (o saber do professor contra ao saber do aluno ainda insuficiente), mas é colocar uma experiência junto a outra experiência. O que o professor deve transmitir é uma relação com o texto: uma forma de atenção, uma atitude de escuta, uma inquietude, uma abertura. E isso não é limitar a uma posição passiva, não é meramente administrar o ato da leitura durante a aula. Não é só deixar que os alunos leiam, senão fazer que a leitura, como experiência, seja possível. A função do professor é manter viva a biblioteca como espaço de formação. E isso não significa produzir eruditos, ou prosélitos, ou em geral pessoas que sabem, mas é manter aberto um espaço em que cada um possa encontrar sua própria inquietude. (LARROSA, 1996, p. 152-153).

Logo, ensinar é mais difícil que aprender, pois visa a deixar o outro aprender. Exige audácia, humildade e silêncio, exige eliminar a arrogância de quem já sabe. Ensinar é saber calar e escutar para que a leitura se transforme em experiência singular de cada um. Assim, o papel do mediador, de acordo com Larrosa (1996), é fazer com que a pluralidade seja possível, dando sentido de liberdade, de contingência e relatividade.

Considerações finais

Por conseguinte, cabe ao mediador provocar no leitor o desejo de ler, e ao ler, percorrer o processo de construção de sentidos daquele texto, é, também, papel do mediador provocar o mesmo encantamento que o texto literário despertou nele. O interesse despertado no leitor depende muito do entusiasmo e da apresentação que o mediador suscita nas leituras e das possibilidades que permite ao leitor explorar. É importante dar destaque aos materiais oferecidos como suporte de leituras, devem ser atraentes na forma e conteúdo. Precisam ter ajuste entre texto e leitor, a fim de que o leitor se envolva na atividade provocando o processo interpretativo.

Ler é um processo que envolve ativamente o leitor, mas depende muito do cenário que o mediador prepara para a leitura e a importância dada às estratégias para aprender a ler criticamente o mundo a partir do texto, compreender e interpretar, estabelecendo elos com as manifestações sociais e culturais distantes no tempo e espaço, constituindo vínculos entre si e outros sujeitos sociais.

Portanto, o mediador deve conhecer diferentes gêneros, autores, temas, bem como conhecer seus leitores, para poder orientá-los a percorrer os caminhos conhecidos e confortáveis. Mas, durante essa trilha, é preciso deixar de lado o já conhecido e alçar novos voos em busca do desconhecido, outros desafios, leituras mais complexas e que possam provocar o desconforto, para ser possível a reelaboração de suas bases psicológicas, culturais e históricas. Desconcertar para posteriormente concertar, de maneira que a leitura possa provocar a catarse, possa auxiliar na (re)constituição do sujeito. Por ser mediador e não impostor, mediador e leitor aprendem juntos, auxiliados pelas trocas, pelos conhecimentos prévios, pelas experiências de leituras compartilhadas.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BARTHES, Roland. *Elementos de semiologia*. Tradução Isidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1979.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2011.

COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2017.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo, Cortez, 1989.

GONÇALVES, Luciana Sacramento Moreno. *Os jovens em círculos de leitura literária: uma proposta para espaços alternativos*. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em Letras. Porto Alegre, 2014.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. E por falar em literatura. In: CRAYDY, Carmem Maria; KAERCHER, Gládis Elise P. da Silva. (Orgs). *Educação infantil: pra que te quero?* Porto Alegre: Artmed Editora, 2001. p. 81-88.

LARROSA, Jorge. Leitura, experiência e formação. In: COSTA, M. V. (Org.) *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1996.

MACHADO, Ana Maria. *Silenciosa algazarra: reflexões sobre livros e práticas de leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Tradução Pedro Maia Soares. Companhia das Letras, 1997.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura*. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (Orgs.). *A experiência da leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.